



Universidade de Brasília  
Instituto de Relações Internacionais  
Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais  
XVII Curso de Especialização em Relações Internacionais

## **A Ameaça da OTAN e a Sobrevivência da Europa**

**Sávio Aguiar de Sousa**

**Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção  
do título de Especialista em Relações Internacionais pela Universidade  
de Brasília**

**Orientador: Prof. Dr. Alcides Costa Vaz**

**Brasília**

**2015**

## **Resumo**

O presente trabalho objetiva analisar como a sobrevivência da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) no pós-Guerra Fria constitui a maior ameaça aos interesses e mesmo à segurança da própria Europa. A análise desenvolvida percorre toda extensão do processo de integração da Europa na área de defesa desde o imediato pós-Segunda Guerra Mundial até os dias atuais, na tentativa de lançar luz sobre como a situação se desdobrou até o cenário atual. O ensaio segue com a descrição de como os europeus percebem a Aliança Atlântica no período após 1991 e como a organização suplantou, já no início deste século, a União da Europa Ocidental (UEO), autêntico instrumento de defesa do Velho Continente. Então, é apontado como a OTAN se converteu de ferramenta de defesa a instrumento exclusivamente a serviço das políticas emanadas de Washington e como tal realidade representa uma ameaça aos interesses dos povos da Europa e à sua própria viabilidade e sobrevivência como civilização. Por fim, é proposta uma solução à problemática apresentada. São analisadas as atuais e as necessárias capacidades de defesa da União Europeia, como esta é capaz de garantir plenamente sua segurança e como somente assim a Europa pode ser plenamente livre na defesa dos seus cidadãos, interesses e valores.

Palavras-chave: Europa. OTAN. Defesa.

### **Abstract**

This paper aims to analyze how the survival of the North Atlantic Treaty Organization (NATO) in the post-Cold War era constitutes the greatest threat to Europe's interests and security. It analyses all the extension of Europe's integration process in the defense field since the immediate post-World War II to the present day in an attempt to understand how the situation has been unfolded so far. It also describes how the Europeans perceive the Atlantic Alliance after 1991 and how the organization supplanted, in the beginning of this century, the Western European Union (WEU), which was the authentic instrument of defence of the Old Continent. So, it is appointed how NATO was converted itself from a defence tool to an exclusive instrument of Washington's policy and how this reality poses a threat to the interest of the peoples of Europe and its own viability and survival as a civilization. Finally, a solution to the problems is presented. The current and the necessary Europe's defence capabilities are analyzed, how it's fully able to guarantee its own safety and how it's the only way Europe can be fully free to defend its citizens, interests and values.

Keywords: Europe. NATO. Defence.

## INTRODUÇÃO

A Europa tem sido o centro da civilização como a conhecemos desde, pelo menos, o milênio anterior à Era Cristã. Polo de origem de valores, ideias e conhecimentos, a civilização europeia disseminou seu modo de pensar pelo mundo desde as explorações continentais, passando pelos grandes descobrimentos e a consolidação dos impérios, até os dias atuais.

O continente europeu tem presenciado algumas das mais significativas e impactantes transformações da Humanidade, sejam estas revoluções, conflitos armados ou descobertas científicas. A importância deste como centro do mundo é inegável, e continuará a ser se neste caminho continuarem os europeus.

A Europa abriga a maior concentração de grandes potências do mundo, com destaque para a Rússia, a França, o Reino Unido e a Alemanha. A segurança do espaço europeu, diante de tamanha concentração de poder, é de importância capital, com impacto em todo o globo. Torna-se, portanto, pela sua importância, fundamental o estudo dos desdobramentos recentes na geopolítica do continente.

A nova realidade da Europa é marcada pelo surgimento de novos Estados após o fim da Guerra Fria, com destaque para o espaço da então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e da extinta Iugoslávia Federal, pela formação da União Europeia (UE) e a materialização da unidade monetária e pela renovação das tensões entre a Rússia e os países do chamado “Ocidente”.

Na mencionada realidade, que se desenhou após 1991, os Estados Unidos da América (EUA) tem desempenhado importante papel na tentativa de manter o controle político sobre a Europa Ocidental, derivado dos anos da bipolaridade, e expandindo-o às áreas antes situadas na órbita de Moscou. Neste ínterim, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) tem exercido atribuição capital como instrumento de legitimação das políticas emanadas de Washington.

Todavia, os eventos que se desdobraram em especial nos últimos cinco anos têm demonstrado os prejuízos e os riscos trazidos à própria Europa pela sua opção de seguir fielmente os passos dos Estados Unidos, por meio da Aliança Atlântica. O estudo a seguir desenvolvido é uma tentativa de lançar luz e apresentar soluções à principal ameaça aos povos da Europa, construída pelos próprios europeus.

## 1 – CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO GEOPOLÍTICO EUROPEU

O término da Guerra Fria, no início da década de 1990, representou o encerramento de uma disputa cultural, ideológica, política, econômica, científica e militar que marcou o mundo, e em maior intensidade o continente europeu, por quase meio século. O fim da bipolaridade trouxe para a Europa uma forte onda de esperança eufórica em uma nova era de paz, estabilidade e prosperidade, a ser alicerçada sobre renovados valores pan-europeus e institucionalizada em um reestruturado arcabouço legal.

Os avanços na integração do continente abrangeram as mais variadas áreas da cooperação internacional, indo desde um forte intercâmbio cultural, passando pela efetivação do Acordo de Schengen em 1995, até a adoção da moeda única, que entrou em circulação em 2002. Os benefícios do mencionado processo de integração se mostraram incontestes no decorrer dos anos seguintes, tendo o progresso beneficiado desde o cidadão europeu comum até grandes empresas transnacionais.

Todavia, o caminho seguido pela nova Europa<sup>1</sup> para orquestrar um novo arranjo de segurança para o período do pós-Guerra Fria pode ser definido como completamente inadequado, com as consequências dos equívocos cometidos pelos líderes europeus nos últimos 25 anos começando a emergir no presente, e de forma exponencialmente perigosa. O presente ensaio é uma tentativa de analisar os erros cometidos no passado, suas consequências presentes e possíveis desdobramentos futuros do atual arranjo europeu de segurança e defesa.

A primeira tentativa de estabelecer um sistema de defesa coletiva na Europa após o devastador conflito mundial de 1939-1945 se materializou com a assinatura do Tratado de Dunkirk<sup>2</sup> em 1947 entre o Reino Unido (RUN) e a França. No ano

---

<sup>1</sup> Embora acreditemos no conceito de uma Europa de Lisboa a Vladivostok e, portanto, consideremos também a Rússia como uma nação europeia (a despeito da pertinência de argumentos das teorias eslavófilas), no presente ensaio, por “Europa” nos referimos aos países membros da União Europeia (UE) por mera questão de coerência e coesão textuais.

<sup>2</sup> “Treaty of Alliance and Mutual Assistance between the United Kingdom and France (Dunkirk, 4 March 1947)”. Disponível em: <  
[http://www.cvce.eu/obj/treaty\\_of\\_alliance\\_and\\_mutual\\_assistance\\_between\\_the\\_united\\_kingdo](http://www.cvce.eu/obj/treaty_of_alliance_and_mutual_assistance_between_the_united_kingdo)

seguinte, diante da percepção de que a Alemanha não mais representava qualquer ameaça à integridade de outros países, os signatários do Tratado de Dunkirk se juntaram aos membros do BENELUX (Bélgica, Países Baixos e Luxemburgo) para selar o Tratado de Bruxelas<sup>3</sup>, que estabeleceu, entre outros, o compromisso de defesa mútua entre os contratantes, nos termos do seu Artigo IV, *in verbis*:

“If any of the High Contracting Parties should be the object of an armed attack in Europe, the other High Contracting Parties will, in accordance with the provisions of Article 51 of the Charter of the United Nations, afford the Party so attacked all the military and other aid and assistance in their power.”

Somente em 1949, durante o bloqueio a Berlim por forças soviéticas, foi firmado o Tratado de Washington, que culminou com a criação da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN)<sup>4</sup>. É interessante observar como o mencionado Tratado se revestiu de maior assertividade em relação às obrigações de defesa mútua entre seus signatários, com base no Artigo 5º do mencionado dispositivo, no qual:

“The Parties agree that an armed attack against one or more of them in Europe or North America shall be considered an attack against them all and consequently they agree that, if such an armed attack occurs, each of them, in exercise of the right of individual or collective self-defence recognized by Article 51 of the Charter of the United Nations, will assist the Party or Parties so attacked by taking forthwith, individually and in concert with the other Parties, such action as it deems necessary, including the use of armed force, to restore and maintain the security of the North Atlantic area.

Any such armed attack and all measures taken as a result thereof shall immediately be reported to the Security Council. Such measures shall be terminated when the Security Council has taken the measures necessary to restore and maintain international peace and security.”

A partir de então, com a inserção formal e decisiva dos Estados Unidos no arranjo de segurança europeu pós-Segunda Grande Guerra, a arquitetura da segurança continental foi alterada de forma permanente e indelével.

---

[m\\_and\\_france\\_dunkirk\\_4\\_march\\_1947-en-1fb9f4b5-64e2-4337-bc78-db7e1978de09.html](http://m_and_france_dunkirk_4_march_1947-en-1fb9f4b5-64e2-4337-bc78-db7e1978de09.html) >. Acesso em 14 jun. 2015.

<sup>3</sup> “The Brussels Treaty (17 March 1948)”. Disponível em: <  
[http://www.cvce.eu/obj/the\\_brussels\\_treaty\\_17\\_march\\_1948-en-3467de5e-9802-4b65-8076-778bc7d164d3.html](http://www.cvce.eu/obj/the_brussels_treaty_17_march_1948-en-3467de5e-9802-4b65-8076-778bc7d164d3.html) >. Acesso em 14 jun. 2015.

<sup>4</sup> “The North Atlantic Treaty”. Disponível em: <  
[http://www.nato.int/cps/en/natohq/official\\_texts\\_17120.htm](http://www.nato.int/cps/en/natohq/official_texts_17120.htm) >. Acesso em 06 set. 2015.

A Conferência de Paris, em 1954, marcou a assinatura dos termos modificados do supramencionado Tratado de Bruxelas, que, com a ascensão da Alemanha Ocidental e da Itália, deu origem à União da Europa Ocidental (UEO)<sup>5</sup>. A nova organização, a despeito de desempenhar papel secundário no cenário da segurança europeia de sua criação até 1984 principalmente em virtude de semelhanças e sobreposições de funções em relação à OTAN, teve importante papel ao viabilizar maior integração continental na esfera da segurança, em especial ao possibilitar a entrada da Alemanha Ocidental na Aliança Atlântica em 1955<sup>6</sup>.

Foi somente a partir de 1984, com a Declaração de Roma e a renovação das funções da UEO, que a organização passou a contar com suporte legal mais amplo que a Aliança Atlântica. Embora a supramencionada declaração mencionasse “a indivisibilidade da segurança dentro da área do Tratado do Atlântico Norte”<sup>7</sup>, enquanto a OTAN possuía até então limitações geográficas a sua atuação, restrita ao continente europeu<sup>8</sup>, a União da Europa Ocidental passou a “considerar as implicações para a Europa de crises em outras regiões do mundo”, removendo quaisquer barreiras à atuação geográfica da organização<sup>9</sup>.

À medida que a década de 1980 se encaminhava para o seu encerramento o cenário de segurança da Europa passou por consideráveis alterações. Em 1988 a UEO passou a atuar de forma prática em outras regiões do globo ao enviar uma força tarefa naval às águas do Golfo Pérsico para garantir a liberdade de navegação naquelas águas em virtude da Guerra Irã-Iraque (1980-1988), e que seria mantida ativa até 1991 em razão da eclosão da Guerra do Golfo (1990-1991)<sup>10</sup>. Ademais, o arrefecimento das tensões da Guerra Fria, com a realização das conferências de

<sup>5</sup> “Text of the Modified Brussels Treaty”. Disponível em: < <http://www.weu.int/> >. Acesso em 06 set. 2015.

<sup>6</sup> WEU from 1955 to 1984: the Saar. Arms control, the UK and the EC six. Disponível em: < <http://www.weu.int/> >. Acesso em 07 set. 2015.

<sup>7</sup> “Declaration by the WEU Foreign and Defence Ministers (Rome, 27 October 1984)”. Disponível em: < [http://www.cvce.eu/content/publication/2003/7/11/c44c134c-aca3-45d1-9e0b-04d4d9974ddf/publishable\\_en.pdf](http://www.cvce.eu/content/publication/2003/7/11/c44c134c-aca3-45d1-9e0b-04d4d9974ddf/publishable_en.pdf) >. Acesso em 07 set. 2015.

<sup>8</sup> Article 6, North Atlantic Treaty. Disponível em: < [http://www.nato.int/cps/en/natolive/official\\_texts\\_17120.htm](http://www.nato.int/cps/en/natolive/official_texts_17120.htm) >. Acesso em 07 set. 2015.

<sup>9</sup> Declaration by the WEU Foreign and Defence Ministers (Rome, 27 October 1984)”. Disponível em: < [http://www.cvce.eu/content/publication/2003/7/11/c44c134c-aca3-45d1-9e0b-04d4d9974ddf/publishable\\_en.pdf](http://www.cvce.eu/content/publication/2003/7/11/c44c134c-aca3-45d1-9e0b-04d4d9974ddf/publishable_en.pdf) >. Acesso em 07 set. 2015.

<sup>10</sup> “History of the WEU”. Disponível em: < <http://www.weu.int/> >. Acesso em 07 set. 2015.

Moscú (1988)<sup>11</sup> e Malta (1989)<sup>12</sup>, além da abertura das fronteiras da Alemanha Oriental (1989), promoveu dramáticas alterações no Velho Continente.

Porém, foi no início da década de 1990 que o cenário da segurança da Europa sofreu as mais dramáticas alterações. A perda de objeto das velhas alianças da agora defunta Guerra Fria desencadeou um debate em ambos os lados da antiga fronteira ideológica sobre a manutenção destas organizações obsoletas. O então recém-eleito presidente da Checoslováquia, Václav Havel, chegou a sugerir em sua primeira visita aos Estados Unidos em Fevereiro de 1990 que todas as tropas estrangeiras se retirassem da Europa<sup>13</sup>. Embora a coexistência da OTAN e da aliança militar capitaneada pela URSS, a Organização do Tratado de Varsóvia (OTV)<sup>14</sup>, fosse encarada como possível ao ponto de surgirem propostas para a assinatura de um tratado de não-agressão entre ambas<sup>15</sup>, o desenrolar da situação foi outro. Após intensa pressão liderada pelo mesmo governo tcheco que meses antes havia se posicionado de forma diferente, em conjunto com os governos da Polônia e da Hungria, e diante da inocente letargia soviética, o Tratado de Varsóvia foi terminado em junho de 1991<sup>16</sup>.

A Aliança Atlântica então permaneceu como um cadáver insepulto dos anos da disputa bipolar. Em 1992, o Tratado de Maastricht, que oficializou a formação da nova União Europeia (UE), estabeleceu em seu artigo J.4 que:

“2. The Union requests the Western European Union (WEU), which is an integral part of the development of the Union, to elaborate and implement decisions and actions of the Union which have defence implications. The Council shall, in agreement with

<sup>11</sup> “The Reagan-Gorbachev Summits”. Disponível em: < <http://www.thereaganfiles.com/the-summits.html> >. Acesso em 07 set. 2015.

<sup>12</sup> “The Malta Summit and US-Soviet Relations: Testing the Waters Amidst Stormy Seas”. Disponível em: < <https://www.wilsoncenter.org/publication/the-malta-summit-and-us-soviet-relations-testing-the-waters-amidst-stormy-seas?gclid=CLTfpumL5ccCFU8EkQodAKED-Q> >. Acesso em 07 set. 2015.

<sup>13</sup> MASTNY, Vojtech; BYRNE, Malcolm. *A Cardboard Castle?: An Inside History of the Warsaw Pact, 1955-1991*. Budapest: Central European University Press, 2005. Pág. 71.

<sup>14</sup> Do russo “Организация Варшавского Договора”. Tradução nossa.

<sup>15</sup> MASTNY, Vojtech; BYRNE, Malcolm. *A Cardboard Castle?: An Inside History of the Warsaw Pact, 1955-1991*. Budapest: Central European University Press, 2005. Pág. 71.

<sup>16</sup> Ibidem, pág. 72.



the institutions of the WEU, adopt the necessary practical arrangements.”<sup>17</sup>

Ainda, no arcabouço legal que acompanha o Tratado de Maastricht a “Declaração pela Bélgica, Alemanha, Espanha, França, Itália, Luxemburgo, Países Baixos, Portugal e Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte, que são membros da União da Europa Ocidental e também membros da União Europeia sobre o papel da União da Europa Ocidental e suas relações com a União Europeia e a Aliança Atlântica” postulou que:

**“2. WEU will be developed as the defence component of the European Union** and as a means to strengthen the European pillar of the Atlantic Alliance. To this end, it will formulate common European defence policy and carry forward its concrete implementation through the further development of its own operational role”<sup>18</sup>

Neste diapasão, merece destaque a elaboração, em 1992, do que ficou conhecido como as “Missões de Petersberg”, nome dado em alusão ao hotel onde ocorreu o encontro, na Alemanha<sup>19</sup>. A elaboração das Missões de Petersberg teve por objetivo a ampliação do escopo de atuação da UEO como componente de defesa da UE e a delimitação clara das ações a serem adotadas em operações de gerenciamento de crises, conforme seu Artigo II.4, *in verbis*:

“Apart from contributing to the common defence in accordance with Article 5 of the Washington Treaty and Article V of the modified Brussels Treaty respectively, military units of WEU member States, acting under the authority of WEU, could be employed for:

- humanitarian and rescue tasks;
- peacekeeping tasks;
- tasks of combat forces in crisis management, including peacemaking.”<sup>20</sup>

É interessante notar o destaque redundante que é dado na mesma Declaração ao papel da UEO na nova realidade europeia, ao se afirmar que:

<sup>17</sup> “Treaty on European Union”. Disponível em : < [http://europa.eu/eu-law/decision-making/treaties/pdf/treaty\\_on\\_european\\_union/treaty\\_on\\_european\\_union\\_en.pdf](http://europa.eu/eu-law/decision-making/treaties/pdf/treaty_on_european_union/treaty_on_european_union_en.pdf) >. Acesso 06 out. 2015.

<sup>18</sup> “Declaration on Western European Union”. Grifo nosso. Disponível em: < [http://europa.eu/eu-law/decision-making/treaties/pdf/treaty\\_on\\_european\\_union/treaty\\_on\\_european\\_union\\_en.pdf](http://europa.eu/eu-law/decision-making/treaties/pdf/treaty_on_european_union/treaty_on_european_union_en.pdf) >. Acesso em 06 out. 2015.

<sup>19</sup> “Missões de Petersberg”. Disponível em: < <http://pt.euabc.com/word/710> >. Acesso em 19 out. 2015.

<sup>20</sup> “Petersberg Declaration”. Disponível em: < <http://www.weu.int/documents/920619peten.pdf> >. Acesso em 19 out. 2015.

“Member States of the European Union which have accepted the invitation to accede to WEU undertake

(...)

to develop WEU as the defence component of the European Union and as the means to strengthen the European pillar of the Atlantic Alliance in keeping with the obligation entered into on 10 December 1991 in the Declaration on the role of WEU and its relations with the European Union and with the Atlantic Alliance attached to the Treaty on European Union”<sup>21</sup>

A despeito do espírito que guiou os Estados europeus quando da formação da UE, em especial no que concerne à busca por uma política de defesa independente, o que se observou nos anos seguintes foi uma marcha na direção contrária. A utopia de que seria possível fazer da União Europeia uma “potência civil”, sendo suficientes à sua influência o seu apego à promoção de valores como a paz, a democracia, os direitos humanos e o Estado de Direito ruiu perante a realidade imposta, ainda no início da década de 1990, pelas sucessivas crises nos Balcãs<sup>22</sup>. Mais recentemente, após os atentados de 13 de novembro de 2015 em Paris, o ex-Secretário de Estado dos EUA, Henry Kissinger, enfatizou a inviabilidade da conceituação estratégica da UE tendo como base somente seu “*soft power*”, o que é latente perante os eventos recentes<sup>23</sup>.

No decorrer da década de 1990 a UE se aproximou da OTAN, em detrimento da UEO e do objetivo de conquistar a independência de sua política de defesa. Os países europeus passaram então a perceber sua participação na Aliança Atlântica como uma oportunidade de reforçar suas economias, ao delegar à OTAN suas responsabilidades de defesa e assim poder convergir recursos econômicos para demandas de outras naturezas. Com os governos da grande maioria dos países da região concluindo que não possuíam os meios ou a vontade política para perseguir o objetivo supramencionado, estes cederam à tentação de deixar a totalidade da política

<sup>21</sup> “Petersberg Declaration”. Disponível em: < <http://www.weu.int/documents/920619peten.pdf> >. Acesso em 19 out. 2015.

<sup>22</sup> SOARES, Antonio Goucha. “A União Europeia como potência global? As alterações do Tratado de Lisboa na política externa e de defesa”. *Revista Brasileira de Política Internacional*, Brasília, v. 54, n. 1, 2011. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-73292011000100006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-73292011000100006&script=sci_arttext) >. Acesso em 06 out. 2015.

<sup>23</sup> “Paris Attacks Demonstrate Inadequacy of European ‘Soft Power’ - Kissinger”. Disponível em: < <http://sputniknews.com/europe/20151117/1030226686/european-soft-power-inadequate-kissinger.html> >. Acesso em 17 nov. 2015.

de defesa da União Europeia a cargo da OTAN<sup>24</sup>. A exceção a este pensamento partiu do Reino Unido e da França, que, na Declaração de St. Malo (1998) concordaram que:

“1. The European Union needs to be in a position to play its full role on the international stage. This means making a reality of the Treaty of Amsterdam, which will provide the essential basis for action by the Union. It will be important to achieve full and rapid implementation of the Amsterdam provisions on CFSP. This includes the responsibility of the European Council to decide on progressive framing of a common defence policy in the framework of CFSP. The Council must be able to take decisions on an intergovernmental basis, covering the whole range of activity set out in Title V of the Treaty of European Union.

2. To this end, the Union must have the capacity for autonomous action, backed up by credible military forces, the means to decide to use them, and a readiness to do so, in order to respond to international crises.”<sup>25</sup>

Não obstante o posicionamento anglo-francês, a Aliança Atlântica passou a ser percebida pelos europeus como um seguro contra ameaças externas cujo custo financeiro era muito inferior a qualquer investimento necessário em uma iniciativa exclusivamente europeia<sup>26</sup>. Com a assinatura do Tratado de Lisboa em 2007 a política de segurança e defesa da União Europeia sofreu grandes alterações. Além do encerramento do Tratado de Bruxelas, desastrosamente terminando a União da Europa Ocidental, o novo Tratado estabeleceu novas disposições quanto às obrigações relativas à segurança e defesa coletivas. Primeiramente, o Tratado assinado em 2007, postula que:

“If a Member State is the victim of armed aggression on its territory, the other Member States shall have towards it an obligation of aid and assistance by all the means in their power, in

<sup>24</sup> BISCOP, Sven; GNESOTTO, Nicole; HOWORTH, Jolyon; KEOHANE, Daniel; SILVESTRI, Stefano; TIILIKAINEN, Teija; VASCONCELOS, Álvaro de (Coord.). “What do Europeans want from NATO?” *Institute for Security Studies Report Nº 8*, 2010. Disponível em: < [http://www.iss.europa.eu/uploads/media/Report\\_8-What\\_do\\_Europeans\\_want\\_from\\_NATO.pdf](http://www.iss.europa.eu/uploads/media/Report_8-What_do_Europeans_want_from_NATO.pdf) >. Acesso em 06 out. 2015.

<sup>25</sup> “Franco-British St. Malo Declaration (4 December 1998)”. Disponível em: < [http://www.cvce.eu/obj/franco\\_british\\_st\\_malo\\_declaration\\_4\\_december\\_1998-en-f3cd16fb-fc37-4d52-936f-c8e9bc80f24f.html](http://www.cvce.eu/obj/franco_british_st_malo_declaration_4_december_1998-en-f3cd16fb-fc37-4d52-936f-c8e9bc80f24f.html) >. Acesso em 06 out. 2015.

<sup>26</sup> BISCOP, Sven; GNESOTTO, Nicole; HOWORTH, Jolyon; KEOHANE, Daniel; SILVESTRI, Stefano; TIILIKAINEN, Teija; VASCONCELOS, Álvaro de (Coord.). “What do Europeans want from NATO?” *Institute for Security Studies Report Nº 8*, 2010. Disponível em: < [http://www.iss.europa.eu/uploads/media/Report\\_8-What\\_do\\_Europeans\\_want\\_from\\_NATO.pdf](http://www.iss.europa.eu/uploads/media/Report_8-What_do_Europeans_want_from_NATO.pdf) >. Acesso em 06 out. 2015.

accordance with Article 51 of the United Nations Charter. This shall not prejudice the specific character of the security and defence policy of certain Member States.”<sup>27</sup>

Contudo, tal disposição não possui a mesma abrangência e assertividade prática das cláusulas de legítima defesa coletiva constantes nos Tratados de Bruxelas ou do Atlântico Norte, já mencionadas no presente ensaio<sup>28</sup>. O Tratado de Lisboa inovou o ordenamento jurídico europeu pertinente ao tema ao estabelecer a chamada “Cláusula de Solidariedade”, que, todavia, foi construída sob um rol exaustivo de situações para sua aplicabilidade e que não abrangem aquelas típicas de um compromisso de defesa mútua, como se pode ver do texto, *in verbis*:

“1. The Union and its Member States shall act jointly in a spirit of solidarity if a Member State is the object of a terrorist attack or the victim of a natural or man-made disaster. The Union shall mobilize all the instruments at its disposal, including the military resources made available by the Member States, to:

- (a) – prevent the terrorist threat in the territory of the Member States;  
– protect democratic institutions and the civilian population from any terrorist attack;  
– assist a member State in its territory, at the request of its political authorities, in the event of a terrorist attack;
- (b) assist a Member State in its territory, at the request of its political authorities, in the event of a natural or man-made disaster.”<sup>29</sup>

Com a entrada em vigor do Tratado em questão em 2009, a Europa sepultou a independência de sua política de defesa. Diante do quadro apresentado, à OTAN passou a caber a total responsabilidade pela defesa da União Europeia. A consequência direta e inevitável das insensatas escolhas dos líderes do Velho Continente foi a formalização da sua completa sujeição às diretrizes emanadas de Washington. Parte considerável desta sujeição se materializou pela influência exercida pelos Estados Unidos sobre a Europa por meio da Aliança Atlântica. Assim, a OTAN passou a ser a mais sólida ferramenta de domínio geopolítico dos Estados Unidos sobre a Europa.

<sup>27</sup> “Treaty of Lisbon”. Disponível em: < <http://eur-lex.europa.eu/legal-content/EN/TXT/?uri=CELEX:12007L/TXT> >. Acesso em 12 out. 2015.

<sup>28</sup> DUKE, Simon. “The EU, NATO and the Lisbon Treaty: still divided within a common city”. *The European Union Studies Association Conference*, 2011. Disponível em: < [http://www.euce.org/eusa/2011/papers/5k\\_duke.pdf](http://www.euce.org/eusa/2011/papers/5k_duke.pdf) >. Acesso em 10 nov. 2015.

<sup>29</sup> “Treaty of Lisbon”. Grifo nosso. Disponível em: < <http://eur-lex.europa.eu/legal-content/EN/TXT/?uri=CELEX:12007L/TXT> >. Acesso em 12 out. 2015.

O reforço doutrinário aos pilares da Aliança Atlântica e ao papel desta como instrumento de domínio dos EUA sobre a Europa veio em 2010, com a revisão do Conceito Estratégico da Aliança. Logo no início do documento é enfatizado que:

**“The political and military bonds between Europe and North America have been forged in NATO** since the Alliance was founded in 1949; the transatlantic link remains as strong, and as important to the preservation of Euro-Atlantic peace and security, as ever. **The security of NATO members on both sides of the Atlantic is indivisible.** We will continue to defend it together, on the basis of solidarity, shared purpose and fair burden-sharing.”<sup>30</sup>

Adiante, na mesma declaração, é reforçado que:

**“NATO remains the unique and essential transatlantic forum for consultations on all matters that affect the territorial integrity, political independence and security of its members,** as set out in Article 4 of the Washington Treaty. Any security issue of interest to any Ally can be brought to the NATO table, to share information, exchange views and, where appropriate, forge common approaches.”<sup>31</sup>

Diante do quadro apresentado, com a OTAN se sobrepondo aos verdadeiros interesses de segurança da Europa, estavam consolidadas as condições para uma crise de sérias proporções no continente. É digno de nota o fato de que, no decorrer dos anos que marcaram a marcha fúnebre da UEO, que era o exemplo mais concreto da emancipação da política de defesa da Europa, vários intelectuais europeus alertaram a respeito dos perigos que se descortinavam no horizonte. Dentre eles, merece destaque o Prof. Alexandre Del Valle, que ainda em 2001 afirmou que:

“[...] a Organização da Aliança Atlântica mais não é do que a chave mestra de uma estratégia de ‘hegemonia global’ necessitando da criação de focos de instabilidade e da multiplicação de conflitos de *média intensidade* em todo o mundo para justificar a sua extensão.

Conscientes de que uma Europa forte e independente estaria à altura de ultrapassar a América em *todos* os campos do poder, nomeadamente o econômico, os estrategas querem a *qualquer preço* evitar o mínimo despertar, matar no ovo a mínima veleidade de autonomia europeia, no caso de que alguns dirigentes mais lúcidos decidissem organizar uma Grande Europa continental,

<sup>30</sup> “Strategic Concept 2010”. Grifo nosso. Disponível em: < [http://www.nato.int/nato\\_static\\_fl2014/assets/pdf/pdf\\_publications/20120214\\_strategic-concept-2010-eng.pdf](http://www.nato.int/nato_static_fl2014/assets/pdf/pdf_publications/20120214_strategic-concept-2010-eng.pdf) >. Acesso em 19 out. 2015.

<sup>31</sup> “Strategic Concept 2010”. Grifo nosso. Disponível em: < [http://www.nato.int/nato\\_static\\_fl2014/assets/pdf/pdf\\_publications/20120214\\_strategic-concept-2010-eng.pdf](http://www.nato.int/nato_static_fl2014/assets/pdf/pdf_publications/20120214_strategic-concept-2010-eng.pdf) >. Acesso em 19 out. 2015.

reconciliando os seus 'dois pulmões', ortodoxo e ocidental. Daí a vontade americana de enfraquecer e diluir o continente europeu incluindo - **em nome da OTAN** - a Turquia na União Europeia e por consequência afastando-a mais ainda da Rússia, a fim de que a constituição de uma Grande Europa continental independente e forte, suscetível de fazer concorrência aos Estados Unidos – mas assim tornada impossível – nunca veja o dia.”<sup>32</sup>

---

<sup>32</sup> DEL VALLE, Alexandre. *Guerras contra a Europa. Bósnia – Kosovo – Chechênia*. Lisboa: Hugin Editores, 2001. Págs. 7-8. Grifo nosso.

## 2 – A CRISE

A crise derradeira da Europa desenhada no pós-Guerra Fria se materializou com a eclosão das manifestações pró-Occidente na Ucrânia, que foram inflamadas por agentes e políticos dos Estados Unidos, no final de 2013 e início de 2014<sup>33</sup>. Como resultado, o governo legitimamente eleito daquele país foi deposto em um golpe de Estado e um governo inconstitucional se instalou no poder, em atendimento aos interesses dos Estados Unidos e em flagrante e insustentável ameaça à estabilidade da região<sup>34</sup>. O resultado foi, além da cisão da Criméia e sua posterior integração à Federação Russa, a explosão de uma guerra civil no leste do país e o retorno das relações entre o Occidente e a Rússia ao ponto mais baixo desde a década de 1980.

A crise na Ucrânia deu, portanto, aos EUA a oportunidade esperada para agir de forma decisiva no cenário europeu, isolando e agredindo a Rússia, ao mesmo tempo em que empurrou definitivamente a União Europeia para a órbita de Washington. Além disso, também se tornou viável a confecção de um novo objetivo firme à Aliança Atlântica, permitindo sua sobrevivência século XXI adentro. A ação americana no tabuleiro geopolítico da Europa visou assim à consecução de vários objetivos simultâneos com um único movimento, obtendo concreto e inegável êxito.

É interessante notar o flagrante desrespeito dos Estados Unidos pelos reais interesses da Europa, explicitado em conversa vazada entre a Secretária de Estado Assistente para Assuntos Europeus e Eurasiáticos, Victoria Nuland, e o Embaixador americano em Kiev, Geoffrey Pyatt, na qual em determinado trecho eles concordam que:

“Nuland: ‘So that would be great, I think, to help glue this thing and have the U.N. help glue it and you know...**fuck the EU!**’

Pyatt: ‘Exactly. And I think we’ve got to do something to make it stick together because you can be pretty sure that if it does start to

<sup>33</sup> “John McCain tells Ukraine protesters: ‘We are here to support your just cause’”. Disponível em: < <http://www.theguardian.com/world/2013/dec/15/john-mccain-ukraine-protests-support-just-cause> >. Acesso em 03 nov. 2015.

<sup>34</sup> “It’s not Russia that’s pushed Ukraine to the brink of war”. Disponível em: < <http://www.theguardian.com/commentisfree/2014/apr/30/russia-ukraine-war-kiev-conflict> >. Acesso em 03 nov. 2015.

gain altitude, the Russians will be working behind the scenes to try to torpedo it.”<sup>35</sup>

Aqui as reflexões do Professor Alexandre Del Valle mais uma vez se mostram de inenarrável valor. Ao se referir em específico à Guerra da Iugoslávia, mas cujo argumento é atual e ainda mais pertinente na atual crise que se desenvolveu na Ucrânia, o mencionado Professor argumenta com sabedoria que:

“[...] cada bomba largada sobre Pristina ou Belgrado equivalia a despertar os velhos rancores entre os dois ‘pulmões europeus’, a reabrir as dolorosas feridas que, do grande Cisma à partilha de Yalta, os dividiram no passado – em detrimento da independência e da unidade geoestratégica do Velho Continente – e que estavam justamente em vias de se fechar desde a queda do muro de Berlim e da *perestroika*. Enfim, a instaurar entre o ‘Ocidente’ e o ‘Oriente’ europeu uma nova ‘cortina de ferro e de sangue’ [...].”<sup>36</sup>

É fundamental ter em mente que o espírito que tem guiado os Estados Unidos neste um quarto de século do pós-Guerra Fria tem permanecido o mesmo dos tempos da divisão ideológica do passado, qual seja, focado em conter a Rússia, o único país do mundo ainda na atualidade capaz de competir geoestrategicamente com os EUA<sup>37</sup>, de acordo com o próprio postulado pela Doutrina Wolfowitz<sup>38</sup>, que trataremos a seguir. A despeito da euforia que cercou a ascensão da China no período supramencionado, é improvável que os chineses consigam representar, a nível global, o desafio geoestratégico que a Rússia ainda hoje representa para a América em razão do seu potencial político, militar, científico e econômico<sup>39</sup>. Sobre isso, o Professor Del Valle faz referência ao relatório do Departamento de Defesa dos Estados Unidos que postulou a Doutrina Wolfowitz, datado de 1992, no qual é confirmado, nas palavras do acadêmico, que:

“[...] as armas nucleares americanas continuarão a estar apontadas para alvos essenciais do aparelho soviético (sic), porque a Rússia

<sup>35</sup> “Leaked audio reveals embarrassing U.S. Exchange on Ukraine, EU”. Disponível em: < <http://www.reuters.com/article/2014/02/07/us-usa-ukraine-tape-idUSBREA1601G20140207> >. Grifo nosso.

<sup>36</sup> *Ibidem*. Pág. 9.

<sup>37</sup> “US Army Chief: Russia, Not Daesh, ‘Remains Number One Threat’”. Disponível em: < <http://sputniknews.com/world/20151214/1031738455/us-russia-daesh-main-threat.html> >. Acesso em 15 dez. 2015.

<sup>38</sup> “Defense Planning Guidance for the 1994-99 Fiscal Years (dated February 18, 1992). Disponível em: < [http://nsarchive.gwu.edu/nukevault/ebb245/doc03\\_full.pdf](http://nsarchive.gwu.edu/nukevault/ebb245/doc03_full.pdf) >. Acesso em 11 nov. 2015.

<sup>39</sup> “The Syrian Campaign Nails Myths About the Size of Russia’s Economy”. Disponível em: < <http://sputniknews.com/columnists/20151007/1028147778/russia-west-economy-syria.html> >. Acesso em 11 nov. 2015.



continua a ser a única potência do mundo capaz de destruir os Estados Unidos. O documento propõe simplesmente às nações do ex-Pacto de Varsóvia que se organizem contra a Rússia tendo em vista os Estados Unidos estender (sic) à Europa central e oriental medidas de segurança nacionais semelhantes às adotadas para defender a Arábia Saudita, o Kuwait e outros Estados do Golfo.

[...]

De fato, trata-se de um novo *containment* semelhante ao dos anos 50 em que a América cercou a expansão comunista soviética e chinesa, escreve François Thual, com a diferença de que hoje a estratégia está vazia de qualquer ideologia.<sup>40</sup>

A mencionada Doutrina Wolfowitz<sup>41</sup> foi formalizada em 1992 pelo então vice-Secretário de Defesa dos Estados Unidos, Paul Wolfowitz, e tem guiado a política norte-americana no pós-Guerra Fria até os dias atuais<sup>42</sup>. A orientação postulada na doutrina em questão para a política norte-americana no período mencionado é a de que:

“Our first objective is to prevent the reemergence of a new rival, either on the territory of the former Soviet Union or elsewhere, that poses a threat on the order that posed formerly by the Soviet Union.

[...]

There are three additional aspects to this objective: **First, the US must show the leadership necessary to establish and protect a new world order that holds the promise of convincing potential competitors that they need not aspire to a greater role or pursue a more aggressive posture to protect their legitimate interests. Second, in the non-defense areas, we must account sufficiently for the interests of the advanced industrial nations to discourage them from challenging our leadership or seeking to overturn the established political and economic order. Finally, we must maintain the mechanisms for deterring potential competitors from even aspiring to a larger regional or global role.**<sup>43</sup>

Vê-se, portanto, que o objetivo dos Estados Unidos não tem sido outro que não o de garantir a manutenção da chamada unipolaridade. A política ditada por Washington, servilmente seguida pela UE, tem colocado a estabilidade de povos,

<sup>40</sup> DEL VALLE, Alexandre. *Guerras contra a Europa. Bósnia – Kosovo – Chechênia*. Lisboa: Hugin Editores, 2001. Págs. 175-176.

<sup>41</sup> “Defense Planning Guidance for the 1994-99 Fiscal Years (dated February 18, 1992). Disponível em: < [http://nsarchive.gwu.edu/nukevault/ebb245/doc03\\_full.pdf](http://nsarchive.gwu.edu/nukevault/ebb245/doc03_full.pdf) >. Acesso em 11 nov. 2015.

<sup>42</sup> “US Army Chief: Russia, Not Daesh, ‘Remains Number One Threat’”. Disponível em: < <http://sputniknews.com/world/20151214/1031738455/us-russia-daesh-main-threat.html> >. Acesso em 15 dez. 2015.

<sup>43</sup> Grifo nosso.

regiões, e porque não do mundo, em risco, e não pode mais ser tolerada. O estado de caos instituído no pós-Guerra Fria está se encerrando, e cabe à Europa escolher qual lugar pleitear no novo mundo que se desenha.

Diante da profética análise do Professor Del Valle é possível observar com clareza o padrão das ações americanas desde o fim da bipolaridade no sentido de moldar a Europa segundo sua conveniência, em completo desprezo pelos interesses, pela segurança e pela estabilidade do continente em tela. Exemplo disso são as sanções que a União Europeia, inflamada em especial pelos Países Bálticos e pela Polônia<sup>44</sup> a mando dos Estados Unidos (como previsto na reflexão do Prof. Del Valle), impôs à Rússia, a despeito dos gigantescos e inegáveis<sup>45</sup> prejuízos sofridos pela própria economia europeia<sup>46</sup>.

Ao ingressar em um ciclo vicioso de economia de guerra ainda na década de 1940<sup>47</sup>, os Estados Unidos vêm desde então sempre mantendo a busca por um inimigo que ameace o “*American way of life*”. Naqueles dias, o foco era o nazifascismo, que foi substituído logo em seguida pelo comunismo. Após o fim da Guerra Fria, a expressão máxima de ameaça à América era materializada na imagem do então líder iraquiano Saddam Hussein, por mais desproporcional que pareça. Com os desumanos atentados de 11 de setembro de 2001, a figura do mal passou a ser retratada na imagem de Osama bin-Laden.

Agora, depois da morte do terrorista saudita em 2011, a América volta a precisar de um ameaçador inimigo externo para manter o foco de sua economia de guerra, elegendo para tal a Rússia capitalista<sup>48 49</sup>, por mais desastroso e prejudicial que tal posicionamento possa ser para os próprios interesses americanos e de seus aliados. Basta lembrar, neste sentido, que a Rússia é o terceiro maior parceiro

<sup>44</sup> “EU Split of Further Sanctions Against Russia”. Disponível em: < <http://sputniknews.com/politics/20150130/1017551113.html> >. Acesso em 09 nov. 2015.

<sup>45</sup> “Anti-Russia Sanctions, Counter-Measures Hurting EU Members Economies: UN”. Disponível em: < <http://sputniknews.com/business/20141211/1015717035.html> >. Acesso em 09 nov. 2015.

<sup>46</sup> “EU Sanctions: Washington Pressures Europe to Act Against Its Best Interests”. Disponível em: < <http://sputniknews.com/europe/20150623/1023720074.html> >. Acesso em 09 nov. 2015.

<sup>47</sup> VANCE, T.N. *The Permanent Arms Economy*. New International, Vol. 17. 1951.

<sup>48</sup> “Russia’s Assertive Moves Weigh on Pentagon Plans for 2017 Budget”. Disponível em: < <http://www.bloomberg.com/news/articles/2015-09-15/russia-s-assertive-moves-weigh-on-pentagon-plans-for-2017-budget> >. Acesso em 10 nov. 2015.

<sup>49</sup> “US uses Russia as bugbear to convince public that huge defense spending is crucial”. Disponível em: < <http://tass.ru/en/opinions/834998> >. Acesso em 11 nov. 2015.

comercial da União Europeia<sup>50</sup>. Além disso, os Estados Unidos atualmente são completamente dependentes da Federação Russa para ter acesso ao Espaço, seja na Estação Espacial Internacional, por dependerem dos foguetes Soyuz para o transporte de astronautas até a Estação, seja para o lançamento de satélites, já que a totalidade dos motores que impulsionam os foguetes lançadores dos EUA é de fabricação russa<sup>51</sup>.

Diante deste padrão observado na mentalidade e na política dos Estados Unidos, resta à Europa a decisão de tomar as rédeas do seu destino e passar a adotar uma política completamente independente, sob pena de um desastroso fim para a Civilização Europeia. Faz-se necessário aqui fazer uma retrospectiva das consequências mais latentes das decisões tomadas pela Europa no sentido de seguir as diretrizes provenientes de Washington, conduzidas em significativa parte sob os auspícios da OTAN.

Ao se envolver nas guerras americanas nos territórios do Mundo Muçulmano no início da década passada, nomeadamente no Afeganistão e no Iraque, os europeus atraíram para si a ira dos radicais islâmicos que hoje vitimam inocentes nos territórios do Velho Continente. Tendo se envolvido nas intervenções encabeçadas pelos EUA na Líbia e na Síria nos últimos anos os europeus geraram o grave e colossal problema dos refugiados que hoje lotam as fronteiras da União Europeia fugindo dos conflitos que lhes foram impostos. E agora, mais recentemente, vemos o já mencionado desastroso caminho que os europeus estão trilhando nas relações da UE com a Rússia.

Não obstante o estado de caos que se instalou no mundo após o fim da bipolaridade, com os Estados Unidos assumindo o papel de “polícia do mundo” até recentemente<sup>52</sup>, e ditando o destino da Europa, uma nova Era foi inaugurada com a

---

<sup>50</sup> “Russia – Trade – European Commission”. Disponível em: < <http://ec.europa.eu/trade/policy/countries-and-regions/countries/russia/> >. Acesso em 10 nov. 2015.

<sup>51</sup> “US Too Dependent on Russian Rocket Engines, Experts Tell Lawmakers”. Disponível em: < <http://www.space.com/26551-us-military-launches-russian-rocket-engines.html> >. Acesso em 10 nov. 2015.

<sup>52</sup> “Obama to U.N: OK, America Will Be World’s Police”. Disponível em: < <http://foreignpolicy.com/2014/09/24/obama-to-u-n-ok-america-will-be-worlds-police/> >. Acesso em 10 nov. 2015.

deflagração da já mencionada crise na Ucrânia, com impactos diretos e decisivos especialmente para o Velho Continente, mas que também alcançam todo o mundo. Em um brilhante resumo da situação, incluindo os mais recentes desdobramentos da crise na Síria, que também colocou em lados opostos a Rússia e a União Europeia, novamente manobrada pelos Estados Unidos, o Presidente da Federação Russa, Vladimir Putin, ao discursar na Assembleia Geral das Nações Unidas em 28 de setembro de 2015, afirmou que:

“We all know that after the end of the Cold War the world was left with one center of dominance, and those who found themselves at the top of the pyramid were tempted to think that, since they are so powerful and exceptional, they know best what needs to be done and thus they don’t need to reckon with the UN, which, instead of rubber-stamping the decisions they need, often stands in their way. That’s why they say that the UN has run its course and is now obsolete and outdated. Of course, the world changes, and the UN should also undergo natural transformation.

[...]

We should all remember the lessons of the past. For example, we remember examples from our Soviet past, when the Soviet Union exported social experiments, pushing for changes in other countries for ideological reasons, and this often led to tragic consequences and caused degradation instead of progress. It seems, however, that instead of learning from other people’s mistakes, some prefer to repeat them and continue to export revolutions, only now these are “democratic” revolutions. Just look at the situation in the Middle East and Northern Africa already mentioned by the previous speaker. [...] Instead of bringing about reforms, aggressive intervention rashly destroyed government institutions and the local way of life. [...] **I’m urged to ask those who created this situation: do you at least realize now what you’ve done? But I’m afraid that this question will remain unanswered, because they have never abandoned their policy, which is based on arrogance, exceptionalism and impunity.**

[...].

Dear colleagues, **I must note that such an honest and frank approach on Russia's part has been recently used as a pretext for accusing it of its growing ambitions — as if those who say that have no ambitions at all.** However, it is not about Russia's ambitions, dear colleagues, but about the recognition of the fact that **we can no longer tolerate the current state of affairs in the world.**<sup>53</sup>

---

<sup>53</sup> “70<sup>th</sup> session of the UN General Assembly”. Disponível em: < <http://en.kremlin.ru/events/president/news/50385> >. Acesso em 10 nov. 2015. Grifo nosso.

A sinalização transmitida pelo Presidente russo no discurso acima transcrito é a de que a situação chegou a um limite. O discurso do Presidente russo representou o fim da complacência do país com a Doutrina Wolfowitz e o retorno da Rússia aos trilhos rumo ao status de superpotência<sup>54</sup>.

---

<sup>54</sup> “The Syrian Campaign Nails Myths About the Size of Russia’s Economy”. Disponível em: < <http://sputniknews.com/columnists/20151007/1028147778/russia-west-economy-syria.html> >. Acesso em 11 nov. 2015.

### 3 – A SOBREVIVÊNCIA DA EUROPA

Se insistir na opção de manutenção do curso atual das suas políticas, certamente a Europa estará rumando a passos rápidos em direção ao seu declínio como potência econômica, sujeito geopolítico e mesmo civilização própria. Contudo, isto se dará não antes de deixar como legado ao mundo uma nova Guerra Fria, dividindo os povos em razão de sua mera subserviência aos interesses cegos dos norte-americanos, a quem o Professor Del Valle, em reflexão, se referiu como:

“*businessmen* conquistadores e sem escrúpulos, capazes de tudo para chegar aos seus fins, incluindo causar graves prejuízos aos interesses estratégicos a longo prazo do seu país e da sua civilização.

[...].

[...] os Estados Unidos têm a certeza de que representam a única verdadeira democracia, uma democracia abençoada por um Deus ‘americano’ que não hesita em anunciar-se nas notas verdes (*In God we trust*) e que protege os empreendimentos estado-unidenses pelo mundo fora.”<sup>55</sup>

O Velho Continente se condenará então, e sem nenhuma causa que justifique tamanho desastre, em primeiro lugar à periferia do Sistema Internacional e, a posteriori, aos livros de História.

Destarte, é necessário à Europa superar seus traumas do passado e seus desafios do presente, sejam eles de ordem política ou econômica, para retomar o comando do seu destino, corrigir e reorientar o rumo que vem sendo adotado desde o encerramento do último conflito mundial e assim recuperar a posição de vanguarda que lhe é de direito no mundo. Tal ascensão europeia traria enorme benefício não somente aos povos do Velho Continente, como também a todo o mundo, em virtude do progresso que daí resultaria nas mais variadas áreas do conhecimento, além dos inegáveis benefícios em prol do equilíbrio, da estabilidade e da paz mundial.

Talvez um dos grandes motivos pelos quais os Estados Unidos tenham tentado, em especial neste último um quarto de século, limitar a independência da Europa seja pelo fato de que Washington tem plena consciência do potencial do

---

<sup>55</sup> DEL VALLE, Alexandre. *Guerras contra a Europa. Bósnia – Kosovo – Chechênia*. Lisboa: Hugin Editores, 2001. Pág. 11.

Velho Continente, com capacidade para alcançar o patamar de superpotência em um período muito breve, superando os EUA. Provavelmente isso justifique o uso, por parte de Washington, da estratégia de “*divide et impera*” por intermédio de países mais próximos em relação à UE, com destaque para o Reino Unido<sup>56</sup>, com o intuito de semear a discórdia no seio da Europa e enfraquecer suas bases. Sobre o tema, no já distante ano de 2001, e portanto antes do sucesso da unificação monetária de grande parte da UE, o Professor Del Valle argumentou com maestria que:

“Ora, a **subordinação da Europa aos Estados Unidos é inaceitável por várias razões**: primeiro, ela não se justifica contra um *perigo externo comum*, tendo a ameaça soviética desaparecido e não projectando a China comunista, **nem como a Rússia**, a conquista do Ocidente. [...] Segundo, a subordinação europeia é *inaceitável* visto que a Europa possui desde já *todos* os trunfos para igualar, até ultrapassar um dia, o poderio americano, desde que para isso tenha *a vontade*: a sua população avizinha-se dos 380 milhões de habitantes (720 milhões englobando o conjunto dos povos do continente europeu), contra 260 para os Estados Unidos; o PNB acumulado da Europa dos Quinze – (783 bilhões de dólares) em 1999 – equivale ao da América e ultrapassa-o já largamente se considerar a Europa ocidental no seu conjunto (UE+AELE+Noruega, Suíça, etc) ou se levar em conta a admissão iminente dos países da Europa central e oriental (PECO), de Chipre, de Malta, etc; por fim, o nível de vida dos dois conjuntos é largamente comparável, oscilando o PNB médio per capita entre os 25 e os 30.000 dólares nos dois lados do Atlântico. Quanto aos progressos tecnológicos, à investigação científica e médica, quanto às atividades comerciais e industriais, ao nível intelectual e cultural médio, e até à qualidade de vida (sistemas sociais, arte de viver, tradições artísticas e culinárias, lazeres, etc), a Europa não tem nada a invejar aos Americanos. Bem pelo contrário. Fora alguns campos como as altas tecnologias de defesa e o domínio do espaço, onde ela renunciou a manter o primeiro lugar mas onde poderia facilmente recuperar o atraso, a Europa é globalmente *pelo menos* tão poderosa e avançada como os Estados Unidos e constitui a *primeira potência econômica do mundo*.

Portanto, **nada justifica o atual enfeudamento da União Europeia à América, nem sequer a pertença a um sistema de aliança comum**, sendo a hegemonia dos Estados Unidos e da OTAN mais consequência da `vontade de impotência` europeia (Pascal Boniface) do que a sua causa.”<sup>57</sup>

<sup>56</sup> “Cameron diz que ‘menos Europa às vezes é melhor’”. Disponível em: < <http://br.reuters.com/article/worldNews/idBRKCN0S217420151110> >. Acesso em 10 nov. 2015.

<sup>57</sup> DEL VALLE, Alexandre. *Guerras contra a Europa. Bósnia – Kosovo – Chechênia*. Lisboa: Hugin Editores, 2001. Págs. 378-379. Grifo do autor em itálico. Grifo nosso em negrito.

Diante dos argumentos apresentados acima pelo Professor Del Valle, a única razão que justificaria a intromissão americana na Europa seria a presença de uma ameaça externa à segurança do Velho Continente. A Rússia desempenha assim uma dupla utilidade aos interesses dos Estados Unidos, ao possibilitar uma justificativa para manter as rédeas de Washington sobre a política europeia e ao servir de argumento para a manutenção da economia de guerra dos EUA.

Todavia, mesmo que houvesse uma ameaça de Estado à segurança dos países europeus, a Rússia dificilmente representaria essa ameaça em qualquer cenário futuro a longo prazo. Basta, para isso, lembrar que a Rússia não travou nenhuma guerra de agressão pelo menos nos últimos 100 anos<sup>58</sup>, estando ausente em todas as ações militares do país no período em tela o necessário “*animus aggressionis*”. Portanto, não há nenhuma razão estratégica que justifique, do ponto de vista da segurança dos Estados da Europa, a necessidade da proteção americana ao Velho Continente.

A verdadeira grande ameaça à paz e à estabilidade no mundo atualmente, o *Daesh*<sup>59</sup>, levou o governo francês a invocar os termos do artigo 42.7 do Tratado da União Europeia<sup>60</sup> após os bárbaros atentados em Paris na noite de 13 de novembro de 2015. A opção francesa pela via europeia pode ser vista como uma tentativa de ampliar o alcance da reação política ao massacre. Evitando invocar a OTAN como clamam as vozes em Washington, o que acabaria por reforçar o domínio americano sobre a política no continente<sup>61</sup>, a França viabiliza a formação de uma aliança ampla contra o *Daesh*, que incluiria tanto o Ocidente quanto a Rússia<sup>62</sup>.

---

<sup>58</sup> Tenha-se em mente que todas as intervenções militares do país no período, como, entre outras, na Hungria (1956), na Tchecoslováquia (1968), no Afeganistão (1979-1989), na Geórgia (2008) ou na Ucrânia (2013-) foram embasadas nos devidos instrumentos legais e/ou em pedidos legítimos das autoridades locais.

<sup>59</sup> “Why Isis will hate it if we start calling them Daesh”. Disponível em: < [http://i100.independent.co.uk/article/why-isis-will-hate-it-if-we-start-calling-them-daesh--bkC822p\\_zl](http://i100.independent.co.uk/article/why-isis-will-hate-it-if-we-start-calling-them-daesh--bkC822p_zl) >. Acesso em 17 nov. 2015.

<sup>60</sup> “França faz pedido formal de ajuda militar da União Europeia”. Disponível em: < <http://br.reuters.com/article/topNews/idBRKCN0T60YS20151117> >. Acesso em 17 nov. 2015.

<sup>61</sup> “5 Republican lawmakers urge France to use Nato powers to help in fight against ISIS”. Disponível em: < <http://www.foxnews.com/politics/2015/11/15/republican-lawmakers-urge-france-to-use-nato-powers-to-help-in-fight-against/> >. Acesso em 17 nov. 2015.

<sup>62</sup> “Hollande to Meet Obama in DC, Putin in Moscow Next Week: Valls”. Disponível em: < <http://www.bloomberg.com/news/articles/2015-11-17/hollande-to-meet-obama-in-dc-putin-in-moscow-next-week-valls> >. Acesso em 17 nov. 2015.



Ainda, a escolha francesa também ressalta quatro pontos, a saber: em primeiro lugar, ao viabilizar uma cooperação com a Rússia, reconhece que é Moscou quem exerce a maior influência sobre a região na atualidade<sup>63</sup> e que, de fato, os russos são cruciais na arena mundial; em segundo, demonstra que Rússia e a Europa não são adversárias<sup>64</sup>, mas na verdade enfrentam um inimigo comum<sup>65</sup>; em terceiro, devolve ao menos momentaneamente a responsabilidade política pelos atos ocorridos no Velho Continente aos próprios europeus; e, por fim, põe em foco a fragilidade jurídica, política e militar da UE<sup>66</sup> em razão de sua dependência em relação à OTAN.

A tragédia dos atentados em questão abre, contudo, uma oportunidade única e providencial, qual seja, a de reconciliação entre a UE e a Rússia, frente a um inimigo comum. O futuro dirá se os líderes dos países da UE, com destaque para a França, agirão com sabedoria ao por fim à política de agressão em relação à Federação Russa e retomarão as benéficas relações construídas entre ambos nos últimos 24 anos. O que se pode afirmar com certeza é que os trágicos eventos em Paris certamente resultarão em consideráveis transformações geopolíticas.

Contudo, embora a União Europeia não possua à sua disposição os meios necessários à sua defesa, seus países membros possuem hoje praticamente todas as ferramentas e meios de defesa necessários à garantia dos seus interesses, integridade física e independência política, bastando para tanto a vontade política para seguir um caminho independente e a adequação do arcabouço legal da União a esta nova realidade. A decisão da UE em seguir um caminho próprio, trilhado segundo as suas necessidades e interesses, seria de enorme benefício, conforme já defendido no presente trabalho, não somente aos interesses da própria Europa, mas também de todo o mundo, em prol da estabilidade, da paz e do equilíbrio mundial.

---

<sup>63</sup> “Análise: Moscou aproveita a inapetência ocidental em sujar as mãos”. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/11/1707388-moscou-aproveita-a-inapetencia-ocidental-em-sujar-as-maos.shtml> >. Acesso em 17 nov. 2015.

<sup>64</sup> “Putin instructs Russian Navy’s Moskva missile cruiser to cooperate with French Navy”. Disponível em: < <http://tass.ru/en/defense/837240> >. Acesso em 18 nov. 2015.

<sup>65</sup> “Paris Attacks Prompt Geopolitical Shift in West”. Disponível em: < <http://www.wsj.com/articles/paris-attacks-prompt-geopolitical-shift-in-west-1447623348> >. Acesso em 17 nov. 2015.

<sup>66</sup> “Hollande makes unusual appeal to EU collective defence article”. Disponível em: < <http://www.ft.com/cms/s/0/1c66a416-8c8b-11e5-a549-b89a1dfede9b.html#axzz3rkXJSMgi> >. Acesso em 17 nov. 2015.

Diante deste quadro, vejamos como se desenha um cenário de defesa mais apropriado à proteção dos interesses da própria União Europeia. Em primeiro lugar, é possível questionar o que levaria uma região tão plural, com diversos povos e suas respectivas culturas, línguas e tradições, a agir como um ente único de defesa. O lema da União Europeia demonstra, para este fim, o espírito de “Europa” que serve de resposta ao supramencionado questionamento, qual seja, “*Unidos na diversidade*”, e sobre o qual o Conselho da Europa explicou que “*the motto means that, via the EU, Europeans are United in working together for Peace and prosperity, and that the many different cultures, traditions and languages in Europe are a positive asset for the continent*”<sup>67</sup>. Acima das diferenças, é a comunhão de valores e a herança cultural comum entre os povos da Europa que aponta para a construção de uma identidade pan-europeia, conforme postulam os termos do Tratado de Amsterdã de 1997<sup>68</sup>.

Superado os questionamentos em torno da identidade europeia, passemos à análise da materialização de uma Europa externamente *de fato* independente. A concretização de uma instituição viável com a missão de defender os Estados da Europa, segundo seus interesses, já foi desafio superado no passado, com a instituição da União da Europa Ocidental e seu posterior reconhecimento como ente responsável pela missão supramencionada no Tratado de Maastricht. Sobre isso, a analista americana Barbara Conry nos forneceu valiosa contribuição ao considerar que:

“It is inaccurate to suggest, as NATO partisans often do, that the only alternative to Atlanticism is a return to the dark ages of the interwar era: nationalized European defenses, American isolationism, xenophobia, demagoguery, and the other evils associated with the rise of Hitler and World War II. (...)”

Such alarmism underestimates the significance of 50 years of economic and political cooperation among the West European powers and the role of pan-European institutions such as the Organization for Security and Cooperation in Europe. It also ignores the fact that a viable institutional alternative to NATO –

<sup>67</sup> “European symbols”. Disponível em: < [http://eeas.europa.eu/delegations/council\\_europe/what\\_eu/european\\_symbols/index\\_en.htm](http://eeas.europa.eu/delegations/council_europe/what_eu/european_symbols/index_en.htm) >. Acesso em 11 nov. 2015.

<sup>68</sup> “Treaty establishing the European Community (Amsterdam consolidated version): Article 151.”. Disponível em: < <http://eur-lex.europa.eu/legal-content/EN/TXT/?uri=CELEX:11997E151> >. Acesso em 11 nov. 2015.

the Western European Union – already exists. With the proper resources and recognition on the part of Washington and the Europeans that **an independent European defense is essential in the post-Cold War era**, the WEU is a promising alternative to Atlanticism. Far from being a lame second choice to NATO or defense on the cheap, **a robust WEU would be superior to NATO in many ways, better suited in the long run to protecting European and, indirectly, American interests.** (...)

**Unlike NATO, the WEU is not solely a military alliance but the defense identity of the European Union, designed to ‘play an integral role in the development of the European Union and ... implement EU decisions with military applications.’ It requires no external threat or adversary to justify itself.**”<sup>69</sup>

Sendo assim, não há fundamento em se questionar a viabilidade institucional de uma organização de defesa puramente europeia. Em relação aos desafios financeiros e orçamentários relativos aos custos para se manter um aparato de defesa puramente europeu, é necessário lembrar que desde 2006 os países da OTAN se comprometeram a investir pelo menos 2% do seu Produto Interno Bruto (PIB) em defesa<sup>70</sup>. Se semelhante percentual fosse aplicado globalmente à UE ou a qualquer organização europeia para os fins aqui discutidos, considerando que o PIB da UE<sup>71</sup> é atualmente superior ao PIB dos Estados Unidos<sup>72</sup>, o montante destinado ao orçamento de defesa dos membros da União Europeia se aproximaria do valor atualmente investido pelos EUA.

Por conseguinte, o montante orçamentário atualmente disponível para custear uma estrutura exclusivamente europeia de defesa seria o suficiente para atender, a priori, a demanda proposta. Além disso, é possível uma discussão intraeuropeia

<sup>69</sup> CONRY, Barbara. “The Western European Union as NATO’s Successor”. *Cato Institute Policy Analysis* No. 239. Cato Institute, 1995. Disponível em: < <http://object.cato.org/sites/cato.org/files/pubs/pdf/pa239.pdf> >. Acesso em 11 nov 2015. Grifo nosso.

<sup>70</sup> “NATO – Topic: Funding NATO”. Disponível em: < [http://www.nato.int/cps/en/natohq/topics\\_67655.htm](http://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_67655.htm) >. Acesso em 11 nov. 2015.

<sup>71</sup> “IMF: Report for Selected Country Groups and Subjects”. Disponível em: < <http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2015/02/weodata/weorept.aspx?pr.x=58&pr.y=19&sy=2014&ey=2014&scsm=1&ssd=1&sort=country&ds=.&br=1&c=001%2C998&s=NGDPD&grp=1&a=1> >. Acesso em 11 nov. 2015.

<sup>72</sup> “IMF Report for Selected Countries and Subjects: United States”. Disponível em: < <http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2015/02/weodata/weorept.aspx?sy=2013&ey=2015&scsm=1&ssd=1&sort=country&ds=.&br=1&c=111&s=NGDP%2CNGDPD&grp=0&a=&pr.x=54&pr.y=10> >. Acesso em 11 nov. 2015.

adicional para discutir eventuais incrementos orçamentários em prol da defesa da Europa, em face dos consequentes frutos benéficos.

Por fim, passemos ao argumento dos atlanticistas de que a Europa não teria condições de se defender sozinha diante das ameaças presente ou futuras. Aqui, faremos a análise em duas breves partes, a saber, no nível convencional, abrangendo as ameaças tradicionais, e no nível especial, abrangendo as armas de destruição em massa. Deve se ter em mente, para este fim, que o pilar de defesa da Europa, invariavelmente, se assenta sobre o Reino Unido e a França e, em menor escala, a Alemanha.

Sob a bandeira da União Europeia vivem hoje mais de 508 milhões de habitantes<sup>73</sup>, o que a torna a terceira entidade política mais populosa do planeta, atrás apenas da China e da Índia. Desta maneira, há disponibilidade de massa populacional suficiente para garantir o suprimento de efetivos às forças armadas europeias sem impacto sociodemográfico e econômico relevante.

No campo convencional, a Europa já é atualmente dotada de capacidades de defesa consideráveis e que garantem certo nível de dissuasão, embora não seja possível negar que seria de benefício da UE o incremento de suas capacidades de intervenção em teatros de operações distantes do seu núcleo. Figuram operacionais em serviço ativo nos Exércitos europeus, atualmente, um total de mais de 1.000 tanques de guerra modernos, sendo 227 Challenger 2 no Exército Britânico<sup>74</sup>, 200 AMX Leclerc no Exército da França<sup>75</sup> e 225 Leopard 2A no Exército da Alemanha<sup>76</sup>, além de mais de 8.000 veículos de combate, o que coloca a UE como a terceira mais poderosa força blindada do mundo, atrás apenas da Rússia e dos Estados Unidos.

---

<sup>73</sup> "Population and population change statistics". Disponível em: < [http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Population\\_and\\_population\\_change\\_statistics](http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Population_and_population_change_statistics) >. Acesso em 11 nov. 2015.

<sup>74</sup> "House of Commons Hansard Written Questions for 27 Jun 2012". Disponível em: < <http://www.publications.parliament.uk/pa/cm201213/cmhansrd/cm120627/text/120627w0001.htm> >. Acesso em 11 nov. 2015.

<sup>75</sup> "Chiffres clés de la Défense – 2015. Les chiffres clés édition 2015 EN". Disponível em: < <http://www.defense.gouv.fr/content/download/400382/6028076/file/Chiffresclés2015GB.PDF> >. Acesso em 11 nov. 2015.

<sup>76</sup> "German army to procure more than 100 additional Leopard 2 tanks". Disponível em: < <http://www.reuters.com/article/2015/04/10/us-germany-defence-tanks-idUSKBN0N11A920150410> >. Acesso em 11 nov. 2015.

Além disto, somente na Real Marinha Britânica<sup>77</sup> e nas Marinhas da França<sup>78</sup> e da Itália<sup>79</sup> estão em serviço mais de 25 destroieres, além de 13 submarinos nucleares de ataque nas duas primeiras forças navais somadas<sup>80 81</sup> e um total de 8 porta-helicópteros e porta-aviões<sup>82 83 84</sup>, sendo um destes últimos movido a propulsão nuclear. A combinação das marinhas da UE é uma força formidável que encontraria paralelo apenas na Marinha dos Estados Unidos.

Por fim, a UE também contaria com um grande poderio no ar, potencializado pelo fato de que o Reino Unido, a Alemanha, a Itália, a Espanha e a Áustria contam com mais de 300 unidades de um dos mais formidáveis aviões de combate do mundo, o Eurofighter Typhoon<sup>85</sup>. A estes, se juntariam ainda mais de 200 aviões de combate franceses, entre os quais o avançado Dassault Rafale<sup>86</sup>, representando o que poderia ser a terceira mais poderosa força aérea do mundo, atrás apenas das Forças Aéreas da Rússia e dos Estados Unidos. Desta forma, está claro que na arena convencional a União Europeia poderia ser dotada de uma força formidavelmente poderosa. Embora uma análise adequada das capacidades militares de qualquer país não possa se restringir apenas aos equipamentos indicados, optamos por nos limitar a

---

<sup>77</sup> “Royal Navy – The Equipment”. Disponível em: < <http://www.royalnavy.mod.uk/the-equipment/ships/destroyers/type-45-destroyer> >. Acesso em 11 nov. 2015.

<sup>78</sup> “Chiffres clés de la Défense – 2015. Les chiffres clés édition 2015 EN”. Disponível em: < <http://www.defense.gouv.fr/content/download/400382/6028076/file/Chiffresclés2015GB.PDF> >. Acesso em 11 nov. 2015.

<sup>79</sup> “Marina Militare”. Disponível em: < <http://www.marina.difesa.it/EN/thefleet/ships/Pagine/home.aspx> >. Acesso em 11 nov. 2015.

<sup>80</sup> “Chiffres clés de la Défense – 2015. Les chiffres clés édition 2015 EN”. Disponível em: < <http://www.defense.gouv.fr/content/download/400382/6028076/file/Chiffresclés2015GB.PDF> >. Acesso em 11 nov. 2015.

<sup>81</sup> “Royal Navy – Submarines”. Disponível em: < <http://www.royalnavy.mod.uk/the-equipment/submarines> >. Acesso em 11 nov. 2015.

<sup>82</sup> “Marina Militare”. Disponível em: < <http://www.marina.difesa.it/EN/thefleet/ships/Pagine/home.aspx> >. Acesso em 11 nov. 2015.

<sup>83</sup> “Royal Navy – Landing Platform Dock”. Disponível em: < <http://www.royalnavy.mod.uk/the-equipment/ships/assault/landing-platform-dock> >. Acesso em 11 nov. 2015.

<sup>84</sup> “Chiffres clés de la Défense – 2015. Les chiffres clés édition 2015 EN”. Disponível em: < <http://www.defense.gouv.fr/content/download/400382/6028076/file/Chiffresclés2015GB.PDF> >. Acesso em 11 nov. 2015.

<sup>85</sup> “Eurofighter Typhoon: Customers”. Disponível em: < <https://www.eurofighter.com/customers> >. Acesso em 11 nov. 2015.

<sup>86</sup> “Chiffres clés de la Défense – 2015. Les chiffres clés édition 2015 EN”. Disponível em: < <http://www.defense.gouv.fr/content/download/400382/6028076/file/Chiffresclés2015GB.PDF> >. Acesso em 11 nov. 2015.

estes em virtude de serem os mais atuantes em combate e em razão da extensão do presente trabalho.

Todavia, mesmo todo o poderio convencional pode não ser suficiente garantia de segurança. No mundo pós-Segunda Grande Guerra as armas nucleares tem servido como seguro e defesa última contra qualquer ameaça derradeira, o que é comprovado pelo fato de que nenhuma potência nuclear foi atacada por outro ente estatal desde que ascendeu a esta condição.

A União Europeia conta, entre seus membros, com duas potências nucleares: o Reino Unido e a França. No caso do RUN, é interessante notar que as forças nucleares britânicas, por serem compostas em sua totalidade por vetores de procedência norte-americana, estão “*all assigned to NATO, subject to the right of the UK Government to use them for non-NATO purposes in circumstances of supreme national emergency*”, sendo então “*used for the purposes of international defence of the Western alliance in all circumstances*”<sup>87</sup>. Ou seja, por estarem à disposição da Aliança Atlântica, não haveria óbice jurídico ou estratégico para que arranjo semelhante fosse construído em torno de uma organização puramente europeia de defesa.

Os dois Estados mencionados acima contam com forças nucleares modernas e capazes de dissuadir qualquer potencial adversário de ameaçar a sobrevivência de ambos. A França, em especial, conta com um dos arsenais nucleares mais modernos do mundo, sendo o terceiro maior do planeta<sup>88</sup> e encontrando equivalente qualitativo somente no arsenal atômico da Federação Russa. A Força Estratégica Oceânica da República Francesa, em especial, é dotada dos modernos e avançados mísseis M-51<sup>89</sup>, potencialmente capazes de atingir qualquer alvo no globo com as novas ogivas

---

<sup>87</sup> “Directorate of Chemical, Biological, Radiological and Nuclear Policy: Your freedom of information request about the UK nuclear deterrent”. Disponível em: < <http://webarchive.nationalarchives.gov.uk/20121026065214/http://www.mod.uk/NR/rdonlyres/E2054A40-7833-48EF-991C-7F48E05B2C9D/0/nuclear190705.pdf> >. Acesso em 11 nov. 2015. Grifo nosso.

<sup>88</sup> “Worldwide deployments of nuclear weapons, 2014”. Disponível em: < <http://bos.sagepub.com/content/early/2014/08/26/0096340214547619.full.pdf+html> >. Acesso em 11 nov. 2015.

<sup>89</sup> “M51: a new generation missile”. Disponível em: < <http://www.space-airbusds.com/en/programmes/m-51-juy.html> >. Acesso em 11 nov. 2015.

nucleares TNO (do francês “Têtes Nucléaires Océaniques”, ou “Ogivas Nucleares Oceânicas”)<sup>90</sup>.

Aqui são de grande valia as ideias do General francês Pierre Marie Gallois que, ainda nos anos da Guerra Fria, originaram a Teoria da Dissuasão Proporcional que até hoje embasa a doutrina nuclear da França. Segundo tal teoria, uma força nuclear de tamanho reduzido tem poder de dissuasão suficiente frente a um agressor potencialmente mais poderoso (e inclusive dotado de capacidade nuclear) pelo fato de que se o defensor for capaz de causar tamanho dano a um inimigo que as conquistas oriundas de uma eventual ação beligerante não compensem o dano, tal agressão pode ser evitada<sup>91</sup>.

O então Chefe do Estado Maior das Forças Armadas da França, General Jeannou Lacaze expressou didaticamente a finalidade da teoria, ao afirmar em referência à força de dissuasão nuclear francesa que “*It could inflict a level of damage so punishing that it would be judged superior to the demographic and economic gains that could be achieved by conquering France*”.<sup>92</sup> Em termos concretos, o ex-Presidente francês Valéry Giscard d’Estaing (1974-1981) aprovou como objetivo para as forças estratégicas francesas “*the destruction of 40 percent of Soviet economic capabilities before the Urals, and the disorganization of the country’s leadership apparatus*”<sup>93</sup>, o que ajuda a dar uma dimensão ao alcance real pretendido com a Teoria da Dissuasão Proporcional.

A doutrina nuclear francesa apresenta ainda valorosa contribuição teórica ao prever os conceitos de “tiro de aviso” e “uso pré-estratégico” das armas nucleares. Segundo estes, a França forçaria o término das hostilidades ao tomar a iniciativa de usar armas nucleares de forma muito limitada (tiro de aviso) contra o potencial

---

<sup>90</sup> “La Force Océanique Stratégique de la Marine Nationale”. Disponível em: < <http://www.defense.gouv.fr/marine/organisation/forces/forces-sous-marines/la-force-oceanique-strategique-de-la-marine-nationale> >. Acesso em 11 nov. 2015.

<sup>91</sup> KOHL, Wilfrid L. *French Nuclear Diplomacy*. United States: Princeton Legacy Library, 1972. Págs. 152-153.

<sup>92</sup> NARANG, Vipin. *Nuclear Strategy in the Modern Era: Regional Powers and International Conflict*. United States: Princeton University Press, 2014. Págs 160.

<sup>93</sup> YOST, David. *France’s Nuclear Deterrence Strategy: Concepts and Operational Implementation*. In: SOKOLSKI, Henry. *Getting MAD: a nuclear mutual assured destruction, its origins and practice*. United States: US Army War College, 2004. Pág. 204



ofensivo<sup>94</sup> do agressor (uso pré-estratégico)<sup>95</sup>, antes de partir para o uso verdadeiramente estratégico de seu potencial nuclear em larga escala<sup>96</sup>.

É interessante notar o que pode ser descrito como comprovação do sucesso da Teoria em questão nos documentos relativos à simulação militar intitulada “Sete Dias Para o Rio Reno”, elaborada em 1979. Nestes, tornados públicos pelo governo da Polônia em 2005, é detalhada uma visão soviética de como se daria um confronto nuclear em solo europeu. Embora a Dinamarca, Itália, Holanda, Bélgica, entre outros países da Europa, figurassem entre os alvos de contra-ataques nucleares soviéticos, os territórios tanto da França quanto do Reino Unido seriam poupados, a despeito de haver neste último importantes instalações militares dos Estados Unidos<sup>97</sup>.

Sem a necessidade de competir com os superiores arsenais nucleares dos Estados Unidos e da Rússia<sup>98</sup>, a aplicação prática das teorias apresentadas demonstra a suficiência das atuais capacidades nucleares da UE para a garantia da sua segurança. Assim sendo, cai por terra qualquer argumento em favor da OTAN como provedora do escudo nuclear dos Estados Unidos em defesa da União Europeia. Desta maneira, a integridade e a independência política da Europa estariam asseguradas por estas que, mais que armas de guerra, tem demonstrado seu real valor como as absolutas ferramentas da paz.

Diante dos argumentos apresentados fica claro que não há nenhuma razão lógica e plausível que justifique, à luz dos verdadeiros interesses europeus, o fato da “Europa ter se tornado vassalo voluntário dos Estados Unidos” e que a leve a “participar na sua própria autodestruição estratégica e cultural [...], americanizando-

---

<sup>94</sup> Por potencial ofensivo entendem-se não as forças na linha de frente, mas a estrutura que permite ao adversário travar/conduzir a guerra, como indústrias de munições, fábricas de equipamentos militares e centros de logística, por exemplo.

<sup>95</sup> YOST, David. *France's Nuclear Deterrence Strategy: Concepts and Operational Implementation*. In: SOKOLSKI, Henry. *Getting MAD: a nuclear mutual assured destruction, its origins and practice*. United States: US Army War College, 2004. Pág. 206.

<sup>96</sup> NARANG, Vipin. *Nuclear Strategy in the Modern Era: Regional Powers and International Conflict*. United States: Princeton University Press, 2014. Pág. 161.

<sup>97</sup> “World War Three seen through Soviet eyes”. Disponível em: < <http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/europe/poland/1504008/World-War-Three-seen-through-Soviet-eyes.html> >. Acesso em 12 nov. 2015.

<sup>98</sup> “Worldwide deployments of nuclear weapons, 2014”. Disponível em: < <http://bos.sagepub.com/content/early/2014/08/26/0096340214547619.full.pdf+html> >. Acesso em 11 nov. 2015.



se servilmente”<sup>99</sup>. Contudo, uma Europa que, de fato, se oriente de e para os europeus não significa de modo algum que esta passe a adotar um comportamento hostil em relação aos Estados Unidos. Nas palavras do professor Del Valle, “a Europa pode continuar a ser um aliado, é certo, mas *nada* justifica que continue a ser um vassalo” dos EUA, ainda mais quando esta condição é flagrantemente contrária aos seus interesses e à sua própria viabilidade histórica<sup>100</sup>.

Sendo assim, conforme se observa na construção do presente trabalho, fica claro a ameaça que a OTAN atualmente representa aos interesses, à segurança e ao futuro da Europa. O brilhante futuro que espera a Europa, em linha com seu imensurável potencial, está somente à espera das decisões adequadas que devem ser tomadas pelo conjunto dos povos deste continente tão belo, rico e admirável.

Com a virada da Rússia à Ásia, após a UE lhe apontar as armas, e a prostração da Europa frente aos Estados Unidos, transformando-a em mero exclave da América, os membros da União Europeia parecem cegos ao se colocar no caminho do coadjuvantismo, algo inédito na história do Velho Continente e do mundo. Cabe somente a elas reverter o curso atual e retomar as rédeas do seu destino, recolocando a Europa no lugar de destaque no Sistema Internacional ao qual faz jus.

---

<sup>99</sup> DEL VALLE, Alexandre. *Guerras contra a Europa. Bósnia – Kosovo – Chechênia*. Lisboa: Hugin Editores, 2001. Págs. 10/13.

<sup>100</sup> *Ibidem*, p. 380.

## CONCLUSÃO

A sobrevivência da OTAN no pós-Guerra Fria, em contraste ao fim da bipolaridade e ao desaparecimento da possibilidade de um conflito armado de motivações ideológicas entre as superpotências no continente europeu, se mostrou desprovida de qualquer razão plausível a bem dos seus membros na margem leste do Atlântico. Por outro lado, a construção e materialização de uma União Europeia que congregou os povos do continente inaugurou uma era de paz, prosperidade e união singulares no Velho Continente.

Apesar disto, no campo da defesa, a despeito da UE contar inclusive em seu instrumento constitutivo com um braço capaz de prover a proteção dos seus Estados-membros, estes optaram por entregar sua segurança à OTAN. E diante do apresentado, ficam claro tanto o erro cometido como a ameaça que a OTAN representa na atualidade à segurança da Europa. Há muito a Aliança Atlântica se converteu de instrumento de defesa dos povos do Velho Continente a ameaça real à segurança dos povos da região e à paz e estabilidade de todo o mundo. O caminho trilhado pela UE, ao entregar a quase totalidade do seu arcabouço de defesa à OTAN e abdicar do controle sobre sua capacidade de defesa própria, coloca a Europa no caminho do coadjuvantismo político, econômico e até mesmo histórico.

Atualmente os membros da União Europeia já contam com capacidades de defesa extremamente significativas, embora não deixem de existir lacunas que mereçam atenção. Ainda, a existência de um arcabouço prévio a ser tomado como exemplo, tanto de natureza institucional, quanto jurídico e doutrinário, entre outros, passando pelo espírito que une os povos do continente, sinalizam o caminho a ser seguido.

O surgimento de novos desafios torna ainda mais urgente a necessidade de uma reformulação da mentalidade e da política que tem guiado os líderes europeus pelo último quarto de século. Somente a percepção de que uma Europa verdadeiramente unida, de Lisboa a Vladivostok, em prol da paz e da estabilidade do mundo pode abrir e seguramente pavimentar o caminho na direção da garantia de que o Velho Continente continuará na vanguarda da Civilização e da História da Humanidade.

## Referências bibliográficas

BISCOP, Sven; GNESOTTO, Nicole; HOWORTH, Jolyon; KEOHANE, Daniel; SILVESTRI, Stefano; TIILIKAINEN, Teija; VASCONCELOS, Álvaro de (Coord.). “What do Europeans want from NATO?” *Institute for Security Studies Report N° 8*, 2010. Disponível em: < [http://www.iss.europa.eu/uploads/media/Report\\_8-What\\_do\\_Europeans\\_want\\_from\\_NATO.pdf](http://www.iss.europa.eu/uploads/media/Report_8-What_do_Europeans_want_from_NATO.pdf) >.

CONRY, Barbara. “The Western European Union as NATO’s Successor”. *Cato Institute Policy Analysis* No. 239. Cato Institute, 1995. Disponível em: < <http://object.cato.org/sites/cato.org/files/pubs/pdf/pa239.pdf> >. Acesso em 11 nov 2015.

DEL VALLE, Alexandre. *Guerras contra a Europa. Bósnia – Kosovo – Chechênia*. Lisboa: Hugin Editores, 2001.

DUKE, Simon. “The EU, NATO and the Lisbon Treaty: still divided within a common city”. *The European Union Studies Association Conference*, 2011. Disponível em: < [http://www.euce.org/eusa/2011/papers/5k\\_duke.pdf](http://www.euce.org/eusa/2011/papers/5k_duke.pdf) >. Acesso em 10 nov. 2015.

KOHL, Wilfrid L. *French Nuclear Diplomacy*. United States: Princeton Legacy Library, 1972.

MASTNY, Vojtech; BYRNE, Malcolm. *A Cardboard Castle?: An Inside History of the Warsaw Pact, 1955-1991*. Budapest: Central European University Press, 2005.

NARANG, Vipin. *Nuclear Strategy in the Modern Era: Regional Powers and International Conflict*. United States: Princeton University Press, 2014.

SOARES, Antonio Goucha. “A União Europeia como potência global? As alterações do Tratado de Lisboa na política externa e de defesa”. *Revista Brasileira de Política Internacional*, Brasília, v. 54, n. 1, 2011. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-73292011000100006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-73292011000100006&script=sci_arttext) >.

VANCE, T.N. *The Permanent Arms Economy*. New International, Vol. 17. 1951.

WEU from 1955 to 1984: the Saar. Arms control, the UK and the EC six. Disponível em: < <http://www.weu.int/> >. Acesso em 07 set. 2015.

YOST, David. *France’s Nuclear Deterrence Strategy: Concepts and Operational Implementation*. In: SOKOLSKI, Henry. *Getting MAD: a nuclear mutual assured destruction, its origins and practice*. United States: US Army War College, 2004.

“5 Republican lawmakers urge France to use Nato powers to help in fight against ISIS”. Disponível em: < <http://www.foxnews.com/politics/2015/11/15/republican-lawmakers-urge-france-to-use-nato-powers-to-help-in-fight-against/> >. Acesso em 17 nov. 2015.

“70<sup>th</sup> session of the UN General Assembly”. Disponível em: < <http://en.kremlin.ru/events/president/news/50385> >. Acesso em 10 nov. 2015.

“Análise: Moscou aproveita a inapetência ocidental em sujar as mãos”. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/11/1707388-moscou-aproveita-a-inapetencia-ocidental-em-sujar-as-maos.shtml> >. Acesso em 17 nov. 2015.

“Anti-Russia Sanctions, Counter-Measures Hurting EU Members Economies: UN”. Disponível em: < <http://sputniknews.com/business/20141211/1015717035.html> >. Acesso em 09 nov. 2015.

“Cameron diz que ‘menos Europa às vezes é melhor’”. Disponível em: < <http://br.reuters.com/article/worldNews/idBRKCN0SZ17420151110> >. Acesso em 10 nov. 2015.

“Chiffres clés de la Défense – 2015. Les chiffres clés édition 2015 EN”. Disponível em: < <http://www.defense.gouv.fr/content/download/400382/6028076/file/Chiffresclés2015GB.PDF> >. Acesso em 11 nov. 2015.

“Declaration by the WEU Foreign and Defence Ministers (Rome, 27 October 1984)”. Disponível em: < [http://www.cvce.eu/content/publication/2003/7/11/c44c134c-aca3-45d1-9e0b-04d4d9974ddf/publishable\\_en.pdf](http://www.cvce.eu/content/publication/2003/7/11/c44c134c-aca3-45d1-9e0b-04d4d9974ddf/publishable_en.pdf) >. Acesso em 07 set. 2015.

“Declaration on Western European Union”. Disponível em: < [http://europa.eu/eu-law/decision-making/treaties/pdf/treaty\\_on\\_european\\_union/treaty\\_on\\_european\\_union\\_en.pdf](http://europa.eu/eu-law/decision-making/treaties/pdf/treaty_on_european_union/treaty_on_european_union_en.pdf) >. Acesso em 06 out. 2015.

“Defense Planning Guidance for the 1994-99 Fiscal Years (dated February 18, 1992). Disponível em: < [http://nsarchive.gwu.edu/nukevault/ebb245/doc03\\_full.pdf](http://nsarchive.gwu.edu/nukevault/ebb245/doc03_full.pdf) >. Acesso em 11 nov. 2015.

“Directorate of Chemical, Biological, Radiological and Nuclear Policy: Your freedom of information request about the UK nuclear deterrent”. Disponível em: < <http://webarchive.nationalarchives.gov.uk/20121026065214/http://www.mod.uk/NR/rdonlyres/E2054A40-7833-48EF-991C-7F48E05B2C9D/0/nuclear190705.pdf> >. Acesso em 11 nov. 2015.

“EU Sanctions: Washington Pressures Europe to Act Against Its Best Interests”. Disponível em: < <http://sputniknews.com/europe/20150623/1023720074.html> >. Acesso em 09 nov. 2015.

“EU Split of Further Sanctions Against Russia”. Disponível em: < <http://sputniknews.com/politics/20150130/1017551113.html> >. Acesso em 09 nov. 2015.

“Eurofighter Typhoon: Customers”. Disponível em: < <https://www.eurofighter.com/customers> >. Acesso em 11 nov. 2015.

“European symbols”. Disponível em: < [http://eeas.europa.eu/delegations/council\\_europe/what\\_eu/european\\_symbols/index\\_en.htm](http://eeas.europa.eu/delegations/council_europe/what_eu/european_symbols/index_en.htm) >. Acesso em 11 nov. 2015.

“França faz pedido formal de ajuda militar da União Europeia”. Disponível em: < <http://br.reuters.com/article/topNews/idBRKCN0T60YS20151117> >. Acesso em 17 nov. 2015.

“German army to procure more than 100 additional Leopard 2 tanks”. Disponível em: < <http://www.reuters.com/article/2015/04/10/us-germany-defence-tanks-idUSKBN0N11A920150410> >. Acesso em 11 nov. 2015.

“History of the WEU”. Disponível em: < <http://www.weu.int/> >. Acesso em 07 set. 2015.

“Hollande makes unusual appeal to EU collective defence article”. Disponível em: < <http://www.ft.com/cms/s/0/1c66a416-8c8b-11e5-a549-b89a1dfede9b.html#axzz3rkXJSMgi> >. Acesso em 17 nov. 2015.

“Hollande to Meet Obama in DC, Putin in Moscow Next Week: Valls”. Disponível em: < <http://www.bloomberg.com/news/articles/2015-11-17/hollande-to-meet-obama-in-dc-putin-in-moscow-next-week-valls> >. Acesso em 17 nov. 2015.

“House of Commons Hansard Written Questions for 27 Jun 2012”. Disponível em: < <http://www.publications.parliament.uk/pa/cm201213/cmhansrd/cm120627/text/120627w0001.htm> >. Acesso em 11 nov. 2015.

“John McCain tells Ukraine protesters: ‘We are here to support your just cause’”. Disponível em: < <http://www.theguardian.com/world/2013/dec/15/john-mccain-ukraine-protests-support-just-cause> >. Acesso em 03 nov. 2015.

“La Force Océanique Stratégique de la Marine Nationale”. Disponível em: < <http://www.defense.gouv.fr/marine/organisation/forces/forces-sous-marines/la-force-oceanique-strategique-de-la-marine-nationale> >. Acesso em 11 nov. 2015.

“Leaked audio reveals embarrassing U.S. Exchange on Ukraine, EU”. Disponível em: < <http://www.reuters.com/article/2014/02/07/us-usa-ukraine-tape-idUSBREA1601G20140207> >.

“M51: a new generation missile”. Disponível em: < <http://www.space-airbusds.com/en/programmes/m-51-juy.html> >. Acesso em 11 nov. 2015.

“Marina Militare”. Disponível em: < <http://www.marina.difesa.it/> >. Acesso em 11 nov. 2015.

“NATO – Topic: Funding NATO”. Disponível em: < [http://www.nato.int/cps/en/natohq/topics\\_67655.htm](http://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_67655.htm) >. Acesso em 11 nov. 2015.

“Obama to U.N: OK, America Will Be World’s Police”. Disponível em: < <http://foreignpolicy.com/2014/09/24/obama-to-u-n-ok-america-will-be-worlds-police/> >. Acesso em 10 nov. 2015.

“Paris Attacks Demonstrate Inadequacy of European ‘Soft Power’ - Kissinger”. Disponível em: < <http://sputniknews.com/europe/20151117/1030226686/european-soft-power-inadequate-kissinger.html> >. Acesso em 17 nov. 2015.

“Paris Attacks Prompt Geopolitical Shift in West”. Disponível em: < <http://www.wsj.com/articles/paris-attacks-prompt-geopolitical-shift-in-west-1447623348> >. Acesso em 17 nov. 2015.

“Petersberg Declaration”. Disponível em: < <http://www.weu.int/documents/920619peten.pdf> >. Acesso em 19 out. 2015

“Population and population change statistics”. Disponível em: < [http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Population\\_and\\_population\\_change\\_statistics](http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Population_and_population_change_statistics) >. Acesso em 11 nov. 2015.

“Putin instructs Russian Navy’s Moskva missile cruiser to cooperate with French Navy”. Disponível em: < <http://tass.ru/en/defense/837240> >. Acesso em 18 nov. 2015.

“Royal Navy – The Equipment”. Disponível em: < <http://www.royalnavy.mod.uk/> >. Acesso em 11 nov. 2015.

“Russia – Trade – European Commission”. Disponível em: < <http://ec.europa.eu/trade/policy/countries-and-regions/countries/russia/> >. Acesso em 10 nov. 2015.

“Russia’s Assertive Moves Weigh on Pentagon Plans for 2017 Budget”. Disponível em: < <http://www.bloomberg.com/news/articles/2015-09-15/russia-s-assertive-moves-weigh-on-pentagon-plans-for-2017-budget> >. Acesso em 10 nov. 2015.

“Strategic Concept 2010”. Disponível em: < [http://www.nato.int/nato\\_static\\_fl2014/assets/pdf/pdf\\_publications/20120214\\_strategic-concept-2010-eng.pdf](http://www.nato.int/nato_static_fl2014/assets/pdf/pdf_publications/20120214_strategic-concept-2010-eng.pdf) >. Acesso em 19 out. 2015.

“Text of the Modified Brussels Treaty”. Disponível em: < <http://www.weu.int/> >. Acesso em 06 set. 2015.

“The Brussels Treaty (17 March 1948)”. Disponível em: < [http://www.cvce.eu/obj/the\\_brussels\\_treaty\\_17\\_march\\_1948-en-3467de5e-9802-4b65-8076-778bc7d164d3.html](http://www.cvce.eu/obj/the_brussels_treaty_17_march_1948-en-3467de5e-9802-4b65-8076-778bc7d164d3.html) >. Acesso em 14 jun. 2015.

“The Malta Summit and US-Soviet Relations: Testing the Waters Amidst Stormy Seas”. Disponível em: < <https://www.wilsoncenter.org/publication/the-malta-summit-and-us-soviet-relations-testing-the-waters-amidst-stormy-seas?gclid=CLTfpumL5ccCFU8EkQodAKED-Q> >. Acesso em 07 set. 2015.

“The North Atlantic Treaty”. Disponível em: < [http://www.nato.int/cps/en/natohq/official\\_texts\\_17120.htm](http://www.nato.int/cps/en/natohq/official_texts_17120.htm) >. Acesso em 06 set. 2015.

“The Syrian Campaign Nails Myths About the Size of Russia’s Economy”. Disponível em: < <http://sputniknews.com/columnists/20151007/1028147778/russia-west-economy-syria.html> >. Acesso em 11 nov. 2015.

“Treaty establishing the European Community (Amsterdam consolidated version): Article 151.”. Disponível em: < <http://eur-lex.europa.eu/legal-content/EN/TXT/?uri=CELEX:11997E151> >. Acesso em 11 nov. 2015.

“Treaty of Alliance and Mutual Assistance between the United Kingdom and France (Dunkirk, 4 March 1947)”. Disponível em: < [http://www.cvce.eu/obj/treaty\\_of\\_alliance\\_and\\_mutual\\_assistance\\_between\\_the\\_united\\_kingdom\\_and\\_france\\_dunkirk\\_4\\_march\\_1947-en-1fb9f4b5-64e2-4337-bc78-db7e1978de09.html](http://www.cvce.eu/obj/treaty_of_alliance_and_mutual_assistance_between_the_united_kingdom_and_france_dunkirk_4_march_1947-en-1fb9f4b5-64e2-4337-bc78-db7e1978de09.html) >. Acesso em 14 jun. 2015.

“Treaty of Lisbon”. Disponível em: < <http://eur-lex.europa.eu/legal-content/EN/TXT/?uri=CELEX:12007L/TXT> >. Acesso em 12 out. 2015.

“Treaty on European Union”. Disponível em : < [http://europa.eu/eu-law/decision-making/treaties/pdf/treaty\\_on\\_european\\_union/treaty\\_on\\_european\\_union\\_en.pdf](http://europa.eu/eu-law/decision-making/treaties/pdf/treaty_on_european_union/treaty_on_european_union_en.pdf) >. Acesso 06 out. 2015.

“US Army Chief: Russia, Not Daesh, ‘Remains Number One Threat’”. Disponível em: < <http://sputniknews.com/world/20151214/1031738455/us-russia-daesh-main-threat.html> >. Acesso em 15 dez. 2015.

“US Too Dependent on Russian Rocket Engines, Experts Tell Lawmakers”. Disponível em: < <http://www.space.com/26551-us-military-launches-russian-rocket-engines.html> >. Acesso em 10 nov. 2015.

“US uses Russia as bugbear to convince public that huge defense spending is crucial”. Disponível em: < <http://tass.ru/en/opinions/834998> >. Acesso em 11 nov. 2015.

“Why Isis will hate it if we start calling them Daesh”. Disponível em: < [http://i100.independent.co.uk/article/why-isis-will-hate-it-if-we-start-calling-them-daesh--bkC822p\\_zl](http://i100.independent.co.uk/article/why-isis-will-hate-it-if-we-start-calling-them-daesh--bkC822p_zl) >. Acesso em 17 nov. 2015.

“World War Three seen through Soviet eyes”. Disponível em: < <http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/europe/poland/1504008/World-War-Three-seen-through-Soviet-eyes.html> >. Acesso em 12 nov. 2015.

“Worldwide deployments of nuclear weapons, 2014”. Disponível em: < <http://bos.sagepub.com/content/early/2014/08/26/0096340214547619.full.pdf+html> >. Acesso em 11 nov. 2015.